

TRADUÇÃO E FEMINISMOS

TRANSLATION AND FEMINISMS

TRADUCCIÓN Y FEMINISMOS



Olga CASTRO

Professora

University of Warwick

School of Modern Languages and Cultures

Warkick, Grã Bretanha, Reino Unido

"Beatriz Galindo" Distinguished Senior Researcher

Universitat Autònoma de Barcelona

Departamento de Traducción y de Interpretación y de

Estudios del Asia Oriental

Barcelona, Catalunha, Espanha

<https://warwick.ac.uk/fac/arts/modernlanguages/academic/>
oc/

<https://orcid.org/0000-0002-2825-9618>

Olga.Castro@warwick.ac.uk

María Laura SPOTURNO

Professora

Universidad Nacional de la Plata

Pesquisadora

Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y
Técnicas

Buenos Aires, Argentina

<https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/profiles/1309SpoturnoM.html>

<https://orcid.org/0000-0002-9678-5767>

lauraspoturno@gmail.com

1

Traduzido por:

Nylcéa Thereza de Siqueira PEDRA

Professora

Universidade Federal do Paraná

Setor de Ciências Humanas

Departamento de Letras Estrangeiras Modernas

Curitiba, Paraná, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/3384979297707711>

<https://orcid.org/0000-0003-1088-4260>

npedra@ufpr.br

Resumo: "Tradução e Feminismos" trata-se de uma entrada do *Dictionary of Gender in Translation*, preparada pelas pesquisadoras María Laura Spoturno e Olga Castro em 2022. Nela, as pesquisadoras se propõem a apresentar as relações entre tradução e feminismos em estudos contemporâneos, traçando uma espécie de mapa com as diferentes abordagens adotadas. Além de copilar um rico e extenso referencial bibliográfico sobre o tema, convidam as pessoas leitoras a pensar sobre a importância da tradução como uma abordagem transacional, superando fronteiras geopolíticas e linguísticas, possibilitando o diálogo entre muitas vozes de muitos lugares.

Palavras-chave: Estudos da tradução. Estudos feministas. Pessoa tradutora. Interseccionalidade. Abordagem transnacional.

Abstract: "Translation and Feminisms" is an entry in the *Dictionary of Gender in Translation* prepared by researchers María Laura Spoturno and Olga Castro in 2022. In it, the researchers set out to present the relationship between translation and feminism in contemporary studies, drawing a kind of map of the different approaches adopted. As well as compiling a rich and extensive bibliographical reference on the subject, they invite readers to



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

think about the importance of translation as a transactional approach, overcoming geopolitical and linguistic boundaries, enabling dialog between many voices from many places.

Keywords: Translation studies. Feminist studies. Translator. Intersectionality. Transnational approach.

TRADUÇÃO E FEMINISMOS¹

Os trabalhos acadêmicos e de pesquisa sobre mulheres, gênero e feminismos relacionados com a tradução têm experimentado um crescimento exponencial nos últimos anos, tanto dentro dos estudos da tradução, quanto dos estudos feministas. Isso é o que demonstra o crescente número de publicações, dissertações acadêmicas, projetos de pesquisa, conferências e outros eventos que versaram e versam sobre o tema a partir de diferentes perspectivas no mundo inteiro.

Há várias décadas, muitas e muitos especialistas em estudos da tradução, tradutoras e tradutores profissionais adotam perspectivas feministas em seu trabalho acadêmico e profissional. Em linhas gerais, abordar a pesquisa e a prática da tradução a partir de um enfoque feminista implica identificar os mecanismos de discriminação (interseccional) de gênero e revelar os valores ideológicos de opressão, constituindo o primeiro passo em direção a propostas alternativas que advoguem pela igualdade de gênero e pela mudança social. Esse enfoque repercute em todas as áreas da tradução, seja na literária, na audiovisual, e até mesmo na automática, além de influenciar na seleção de textos a serem traduzidos e nas condições de trabalho que afetam tradutoras e tradutores em uma profissão feminizada².

Mais recentemente, nos espaços acadêmicos e nos ativismos feministas, de modo concreto, nos posicionamentos feministas transnacionais, nota-se um maior interesse pelo estudo da tradução como mecanismo que habilita alianças feministas transnacionais e diálogos frutíferos entre uma diversidade de mulheres que transcendem as múltiplas fronteiras geopolíticas e linguísticas. A maior parte do conjunto de feministas que adota uma perspectiva transnacional considera que somente por meio da tradução é possível encontrar novas maneiras de entender as formas interseccionais de opressão de gênero nos seus próprios contextos e nos diferentes espaços geopolíticos. Em outras palavras, a tradução é um instrumento fundamental para proporcionar alianças e solidariedades transfronteiriças que desafiem as hegemonias dominantes, desestabilizando os regimes de opressão que operam em um mundo regido pela globalização e pelos valores neoliberais, assim como propondo intervenções em prol da justiça social global. O frutífero encontro interdisciplinar entre a tradução e os feminismos tem rendido uma quantidade significativa de publicações acadêmicas no campo dos estudos da tradução feminista, como também numerosas intervenções por parte de tradutoras e tradutores profissionais (feministas) e ativistas feministas (da tradução), sendo os temas de estudos

variados. A seguir, descrevemos as áreas de trabalho mais profícias nos contextos linguísticos, acadêmicos e geopolíticos que conhecemos.

Uma significativa área de pesquisa tem se dedicado a analisar as maneiras como as mulheres aparecem representadas nas metáforas dos discursos teóricos sobre a tradução. Os resultados revelam que essas metáforas se baseiam em conceitos misóginos sobre os papéis de gênero (Chamberlain, 1988). A oposição binária entre o trabalho produtivo/ativo, associado historicamente e de maneira estereotipada aos homens/autores, e o trabalho reprodutivo/passivo, desempenhado pelas mulheres/tradutoras, tem sido um dos lugares-comuns sexistas mais utilizados. Desse modo, a tradução é definida como uma atividade feminina de segunda categoria. Outros lugares-comuns defendem a originalidade e autenticidade do texto de partida (homens/autores) em oposição ao status subsidiário e infiel da tradução (mulheres/tradutoras), a paternidade do texto de partida/homem que outorga autoridade à tradução ou a penetração (e, inclusive, violação) desempenhada pelo tradutor/homem sobre o texto de partida/mulher para torná-lo próprio. Como resposta a isso, foram propostas metáforas alternativas, como as línguas de Pandora (Littau, 2000), metamorfose (Flotow, 2009) e *bordelands/a fronteira* (Godayol, 2013). Também foram feitas reflexões sobre essas metáforas, relacionando-as com experiências de tradução específicas (Wilhelm, 2014; Segarra, 2019).

Dada a concepção tradicional da tradução como atividade feminina, muitas mulheres que, por conta do seu gênero, foram silenciadas pelas elites literárias, entraram no mundo das letras e ocuparam um lugar nele graças à tradução (Krontiris, 1992). No entanto, suas contribuições foram praticamente excluídas da historiografia da tradução. Com o intuito de reverter essa invisibilidade, o estudo sobre as mulheres que se dedicaram à tradução ao longo da história tem sido um tema fundamental no debate (Delisle, 2002). Uma exaustiva pesquisa revelou quais são as motivações das tradutoras ao traduzir, e entre elas mencionamos a possibilidade de contribuir para a disseminação de saberes e ideias a partir de uma seleção minuciosa de textos traduzidos e de estratégias específicas pensadas para o desenvolvimento da atividade tradutora. Suas contribuições aos estudos teóricos da tradução ficam registradas em notas, notas de rodapé e prefácios nos quais refletem sobre a prática tradutória. Os estudos críticos inscritos nesse âmbito também evidenciam as circunstâncias nas quais essas mulheres traduziram, lançando luz sobre os padrões de discriminação de gênero (além de outras categorias interseccionais) que viveram em diferentes épocas e áreas linguísticas e culturais

(Wolf, 2005; Castro, 2011; Tyulenev, 2011; Bacardí e Godayol, 2014; Kripper, 2015; Romero López, 2016; Silva-Reis e Carvalho Fonseca, 2018; Rajewska, 2020; Brown, 2022).

Outra linha de pesquisa importante se centra nos circuitos locais e globais da tradução literária, acompanhando a evolução do status das escritoras na indústria editorial da tradução. Há algum tempo, um grupo de especialistas constatou que as escritoras e filósofas costumam ser pouco representadas no mercado da tradução (Resnick e de Courtivron, 1984; Akbatur, 2011; Pettersen, 2017; Carson, 2019). Sua invisibilidade é ainda maior em períodos de regimes ditatoriais, quando a censura explícita opera como obstáculo às narrativas (subversivas), especialmente aquelas que fazem parte de lutas coletivas em busca da liberdade (Yu, 2015; Godayol, 2016; Godayol e Taronna, 2018; Zaragoza Ninet, Martínez Sierra, Cerezo Merchán e Richart Marset, 2018; Yañez, 2020; Spoturno, 2022). Apesar dessas dificuldades, foram traduzidos ensaios feministas, de modo que essas traduções contribuem para o desenvolvimento de ideias feministas nas sociedades que as recebem (Godayol, 2020). Mais recentemente, algumas pesquisadoras adotaram um posicionamento crítico e interseccional e focaram sua atenção nas barreiras geopolíticas e linguísticas enfrentadas pelas escritoras provenientes de contextos não hegemônicos devido à sua raça, etnia, sexualidade, classe ou contexto geopolítico (Sánchez, 2017; Manterola Agirrezabalaga, 2020; Castro, 2020; Spoturno, 2020; Abou Rached, 2021). A partir desse panorama, observa-se um crescente número de iniciativas editoriais e acadêmicas dedicadas de maneira ativa ao desenvolvimento de projetos que difundem os trabalhos das escritoras por meio da tradução (Castro e Vassallo, 2020a e 2020b).

Nesses últimos anos, muitos trabalhos acadêmicos têm abordado o modo como as epistemologias e os discursos feministas viajam (ou não) de determinados contextos linguísticos, institucionais, culturais, históricos e políticos em direção a outros por meio da tradução. Também se tem estudado sobre os desafios que implica traduzir o pensamento feminista, a recepção situada e as determinantes repercuções que essas traduções podem produzir nas diferentes comunidades receptoras (Davis, 2007; Möser, 2013; Alvarez, Costa, Feliu, Hester, Klahn e Thayer, 2014; Min, 2017; Thayer, 2010; Díaz-Diocaretz e Segarra, 2014; Nagar, 2014; Sánchez, 2018). Particularmente no âmbito dos estudos feministas transnacionais e decoloniais, a tradução adquire um papel central nos debates sobre as políticas feministas. Quem trabalha sob essa perspectiva defende que o verdadeiro potencial dos feminismos a nível global reside na ação e no trabalho acadêmico coletivo produzido em diferentes regiões geohistóricas e em culturas inter/disciplinares que só são possíveis graças à tradução (Costa e

Alvarez, 2014). Essas pesquisas também afirmam a urgência de se considerar o impacto que a teoria e a prática da tradução podem desempenhar no questionamento e na mudança das relações de poder que se interseccionam com o gênero. Com o foco na interseccionalidade, foi possível revelar a natureza unidimensional e monolítica do feminismo ocidental e chegar a um estudo crítico das assimetrias e desigualdades de poder entre as mulheres dos chamados Sul Global e Norte Global. As questões exploradas abordam as realidades geopolíticas, culturais e linguísticas consideradas como a origem das narrativas legítimas e das verdades dignas de ser traduzidas, assim como as consequências políticas daquelas correntes literárias que, com frequência, perpetuam as “narrativas do ocidente para o resto do mundo” (Costa, 2006, p. 73), de modo que impõem a hegemonia dos valores ocidentais.

As pesquisas sobre as representações linguísticas, discursivas, textuais e paratextuais das identidades de gênero na tradução também têm se demonstrado uma área de interesse significativo. Esses estudos costumam comparar os textos de partida e de chegada com o objetivo de revelar o papel ideológico que ocupam as pessoas que traduzem e a tradução ao perpetuar ou questionar os papéis de gênero e as normas (de tradução) hegemônicas e dominantes, sem deixar de lado o impacto de sua recepção no sistema de chegada (Raguet, 2008; Castro, 2013). No entanto, a limitação de muitos desses estudos se deve ao fato de carecerem de uma abordagem interseccional, isto é, não analisam o gênero junto com outras categorias como raça, sexualidade, classe e etnia (Castro e Ergun, 2018, Castro e Spoturno, 2020). Esse ponto cego dificulta a compreensão mais abrangente do modo como os sistemas opressivos de dominação como o racismo, o cis-hetero-sexismo, o classismo e o neoliberalismo também afetam o processo de tradução e, consequentemente, o texto traduzido, limitando o potencial transformador que poderiam assumir algumas estratégias textuais de tradução feminista no sistema de chegada. Dentro dessa área de estudo, a maioria das primeiras publicações sobre gênero e linguagem proporcionaram debates em torno da tradução literária e da tradução de textos filosóficos feministas, seja com o objetivo de refletir a respeito das considerações éticas sobre o uso de estratégias feministas, seja para revelar estratégias patriarcais que, em sua maioria, passavam inadvertidas até então.

O exemplo mais citado entre os nomes de quem analisa o uso das estratégias de tradução feministas tem sido, sem dúvida, o das práticas e teorias desenvolvidas nos anos oitenta por um grupo de tradutoras e escritoras canadenses no Quebec. Nesses trabalhos, realizados com obras quebequenses, foram implementadas estratégias inovadoras para destacar o componente feminista gramaticalizado de forma explícita nos textos de partida em francês quando

traduzidos a uma língua sem gênero gramatical, como é o caso do inglês (Godard, 1990; Lotbinière-Harwood, 1991; Simon, 1996; Flotow, 1991, 1997, Bertacco, 2003; Brufau Alvira, 2010). Outros desses primeiros exemplos paradigmáticos são os das tradutoras e professoras universitárias estadunidenses, entre os quais podemos mencionar as estratégias desenvolvidas por Miriam Díaz-Diocaretz (1985) na tradução para o espanhol da poesia lésbica de Adrienne Rich, e as estratégias subversivas adotadas pelas tradutoras Suzanne Jill Levine (1984) e Carol Maier (1985) na sua tradução de textos misóginos escritos por alguns autores latino-americanos. O destaque dado a essas intervenções não deve ofuscar outras práticas de tradução feministas mais além da esfera anglo-estadunidense, nem outras estratégias retóricas protofeministas utilizadas em outras épocas para subverter as normas patriarcais (Robinson, 1995). Ao longo da história, as traduções de alguns textos religiosos, como a Bíblia (Shaw, 1993; Flotow, 2000) e o Corão (Hassen, 2016), centradas nas mulheres, também foram objeto de grande atenção.

Dadas as particularidades inerentes a cada projeto de tradução, as estratégias de tradução feministas que desafiam as categorias normativas dependem do contexto e, portanto, não deveríamos pressupor a sua validade universal. De todo modo, foram desenvolvidos alguns trabalhos muito interessantes nos quais são descritas as intervenções feministas empregadas para traduzir textos que apresentam valores ideológicos de gênero diversos, com o objetivo de alcançar diferentes públicos em uma variedade de combinações de línguas (Flotow, 1991, 2019; Massardier-Kenney, 1997; Kamal, 2016; Wallmach, 2006; Castro, 2010; Sofo, 2019). Em outros estudos, as tradutoras feministas refletem sobre suas intervenções de mediação entre línguas e culturas (Grau-Perejoan e Collins-Klobah, 2020; Rosas, Bittencourt, Izidoro e Macedo, 2020; Grunenwald, 2021). Certamente aparecerão novas contribuições acadêmicas, já que cada vez mais é maior o número de tradutoras e tradutores que admitem abertamente que, ao realizar a tradução de diversos tipos de textos, fazem uso de estratégias textuais e paratextuais feministas. Nesse sentido, o livro *On the Edge of the River Sar. A feminist translation*, versão para o inglês de um romance escrito pela escritora galega Rosalía de Castro no século XIX, traduzido por Michelle Geoffrion-Vinci e publicado em 2014, constitui um exemplo paradigmático.

As análises comparativas desenvolvidas em diferentes contextos acadêmicos e culturais revelam, além disso, modos sistemáticos com os quais as ideologias patriarcais permeiam o processo de tradução. Também se constatou que, na tradução do *lócus* feminista do texto de partida, eram utilizados métodos hegemônicos, que revelam o modo como essas intervenções

patriarcais ou “falotraduções” (Henitiuk, 1999, p. 469) distorciam, amputavam e até mesmo atrasavam a pauta feminista desses textos para o público receptor. Exemplo disso é a tradução para o inglês de *Le deuxième sexe* (1949), de Simone de Beauvoir, publicada em 1952 (e a única disponível até 2009), que supriu parte significativa dos dois volumes originais (Simons, 1983). Do mesmo modo, a dimensão paratextual dessas intervenções também têm sido objeto de estudo nos últimos tempos (Henry-Tierney, 2021).

Com a chegada do novo milênio, renovou-se o interesse nos estudos linguísticos e (para)textuais e foram acrescentados gêneros não literários, como a tradução audiovisual (De Marco, 2012; Qanbar, 2020), a tradução técnica e científica (Bengoechea, 2014), a tradução jurídica (Brufau Alvira, 2008; Santaemilia, 2013; Favila Alcalá, 2020), a tradução da saúde das mulheres (Bessaïh, 2021; Susam-Saraeva e Carvalho Fonseca, 2021) e a tradução publicitária (Corrius; De Marco e Espasa, 2016). Nesses trabalhos também se discutiu sobre questões tecnológicas e a tradução automática (Monti, 2020; Savoldi, Gaido, Bentivogli, Negri e Turchi, 2021). Do mesmo modo, atentou-se para a tradução de novos gêneros, como as narrativas em torno do parto (Susam-Saraeva, 2020), que passou a ser considerada. É o que evidenciam as várias publicações que, por um lado, analisam os desafios de traduzir as identidades de gênero diante das convenções dos gêneros textuais e, por outro, estudam o modo como as mulheres aparecem invisibilizadas ou reduzidas a representações estereotipadas no texto. Em definitiva, tais estudos destacam a importância social e ética da tradução como atividade profissional, assim como o papel de tradutoras e tradutores como agentes políticos situados que realizam seu trabalho em um entorno no qual as ideologias dominantes são regidas por valores hegemônicos (patriarcais, cisheterosexistas, racistas, classistas, coloniais, neoliberais).

Nos últimos anos, o interesse pelas questões de gênero e pela tradução proporcionaram o surgimento de uma nova área de pesquisa que envolve os estudos *queer* e de tradução. Esse interesse pode ser verificado na grande quantidade de artigos de pesquisa sobre tal temática publicados em volumes sobre tradução e feminismos (Castro e Ergun, 2017; Flotow e Kamal, 2020), na atenção dada ao feminismo em coleções sobre o *queer* e a tradução, bem como sobre o *queer* na tradução (Baer e Kaindl, 2017; Epstein e Gillett, 2017; Baldo, Evans e Guo, 2021) e em diversas pesquisas sobre tradução transfeminista (Fontanella, 2019). No entanto, não é pouco comum que as pesquisas no âmbito dos estudos de tradução *queer* tendam a evitar a associação direta com a tradição da tradução feminista (López, 2020; Baer, 2021). Uma das temáticas estudadas até o momento é o modo como o *queer* e a tradução se definem e convergem como categorias que mediam espaços hegemônicos e não hegemônicos (Spurlin,

2014). Outros temas abordados incluem o feminismo *queer* e a tradução de textos relacionados à saúde sexual (Baldo, 2021), a contribuição que os estudos sobre a sexualidade e a teoria *queer* representam para a conceitualização da tradução (e dos estudos da tradução) e o papel que assume a tradução *queer* e aqueles que se identificam como tradutores *queer* dentro dos movimentos ativistas (Robinson, 2019; Baer, 2021). Essas pesquisas também se centram na produção, circulação e recepção de textos *queer* traduzidos, nos problemas que aparecem na hora de traduzir identidades trans e não-binárias e dos métodos específicos para desenvolver essa tarefa (Domínguez Ruvalcaba, 2016; Martínez Pleguezuelos, 2018; Villanueva-Jordán, 2019; López, 2020; Rose, 2021).

Outras áreas emergentes de pesquisa e prática dentro dos estudos da tradução feminista se dedicam especificamente a analisar a interpretação a partir de perspectivas feministas (Toledano e del Pozo Triviño, 2015; Reimóndez, 2017; Marey-Castro e del Pozo Triviño, 2020), e as metodologias da tradução feminista, tanto no ensino da tradução (Kalivodová, 2017; De Marco e Toto, 2019; Villanueva Jordán e Calderón Díaz, 2019), quanto em outras matérias, entre as quais podemos citar os estudos globais, as relações internacionais e os estudos feministas (Ergun e Castro, 2017).

Esse leque de temas de pesquisa que apresentamos de maneira sucinta nesta entrada revela a necessidade da criação de um diálogo e um trabalho acadêmico transdisciplinar que surjam de culturas e línguas não hegemônicas e de espaços (acadêmicos) não centrais. É importante voltar a considerar o desafio que representam os fluxos epistemológicos nessa área de estudo a partir de um esforço conjunto daquelas e daqueles que se dedicam à pesquisa nos campos dos estudos da mulher, gênero, feministas e *queer* e os estudos da tradução. A possibilidade de se estabelecer diálogos construtivos e alianças estratégicas entre as pessoas que, situadas em diferentes regiões do mundo, intervêm na academia, na profissão e na docência no âmbito da tradução poderia dar origem a iniciativas de pesquisa e práticas transformadoras de grande relevância para a sociedade.

9

REFERÊNCIAS

- ABOU, Rached Ruth (2021). *Reading Iraqi Women's Novels in English Translation*, Nova York, Routledge.
- AKBATUR, Arzu (2011). “Turkish women writers in English translation”, *MonTi, Monografías de Traducción e Interpretación*, nº 3, p. 161-179.

- ALVAREZ, Sonia E.; Costa, Claudia de Lima; Feliu, Verónica; Hester, Rebecca; Klan, Norma e Thayer, Millie (eds.) (2014). *Translocalities/translocalidades: Feminist Politics of Translation in the Latin/a Americas*, Durham, Duke University Press.
- ARAÚJO, Cibele de Guadalupe Sousa; Silva, Luciana de Mesquita e Silva-Reis, Dennys (eds.) (2019). “Dossiê: Tradução e feminismos negros”, *Revista Ártemis*, vol. 27, n° 1.
- BACARDÍ, Montserrat e Gadayol, Pilar (2014). “Catalan women translators: an introductory overview”, *The Translator*, vol. 20, n° 2, p. 144-161.
- BAER, Brian James (2021). *Queer Theory and Translation Studies: Language, Politics, Desire*, Nova York, Routledge.
- BAER, Brian James e Kaindl, Klaus (eds.) (2017). *Queering Translation, Translating the Queer*, Nova York, Routledge.
- BALDO, Michela; Evans, Jonathan e Guo, Ting. (eds.) (2021). “Translation and LGBT+/queer activism”, *Translation and Interpreting Studies. The Journal of the American Translation and Interpreting Studies Association*, vol. 16, n° 2.
- BALDO, Michela. (2021). “Queer feminisms and the translation of sexual health”, in Susam-Saraeva, S. & Spišiaková, E. (eds.) (2021), *The Routledge Handbook of Translation and Health*, Nova York, Routledge, p. 314-330.
- BENGOECHEA, Mercedes. (2014). “Feminist translation? No way! Spanish specialised translators’ disinterest in feminist translation”, *Women’s Studies International Forum*, n° 42, p. 94-103.
- BERGER, Anne Emmanuelle e Sofo, Giuseppe (eds.) (2019). “Il genere della traduzione”, *De genere. Rivista di studi letterari, postcoloniali e di genere*, n° 5.
- BERTACCO, Simona. (2003). “The Canadian feminists’ translation project: Between feminism and postcolonialism”, *Linguistica Antverpiensia, New Series–Themes in Translation Studies*, n° 2, p. 233-245.
- BESSAÏH, Nesrine (2021). “Translation and women’s health”, in Susam-Saraeva, S. & Spišiaková, E. (eds.), *The Routledge Handbook of Translation and Health*, Nova York, Routledge, p. 331-347.
- BRACKE, Maud; Morris, Penelope e Ryder, Emily. (eds.) (2018). “Introduction. Translating Feminism Forum”, *Gender and History*, vol. 30, n° 1, p. 331-347.
- BRACKE, Maud Anne; Bullock, Julia C.; Morris, Penelope e Schulz, Kristina. (eds.) (2021). *Translating Feminism: Interdisciplinary Approaches to Text, Place and Agency*, Londres Palgrave.
- BROWN, Hilary (2022). *Women and Early Modern Cultures of Translation: Beyond the Female Tradition*, Oxford, Oxford University Press.

- BRUFAU Alvira, Nuria. (2008). “Escollos de la traducción jurídica no sexista y su didáctica”, in Pegenante, Luis; DeCesaris, Janet Ann; Tricás Preckler, Mercedes e Bernal, Elisenda. (eds.), *La traducción del futuro: mediación lingüística y cultural en el siglo XXI. Vol I. La traducción y su práctica*, Barcelona, Promociones y Publicaciones Universitarias, p. 15-26.
- BRUFAU Alvira, Nuria. (2010). *Las teorías feministas de la traducción a examen: nuevas destilaciones para el siglo XXI*, Granada, Comares.
- CAMPS, Assumpta; Carlucci, L Laura; Cerrato, Daniele; Luna, Ana; Fernández, Áurea e Serra, Isabel. (eds.) (2020). “Traducir en femenino: prácticas textuales y políticas”, *Transfer. Revista electrónica sobre Estudios de Traducción e Interculturalidad*, vol. 15, nº 1-2.
- CAMUS CAMUS, Carmen; Gómez Castro, Cristina; Williams Camus, Julia T. (eds.) (2017). *Translation, Ideology and Gender*, Cambridge, Cambridge Scholars Publishing.
- CARSON, Margaret. (2019). “Gender parity in translation: What are the barriers facing women writers”, *Other Words. On Literary Translation*, nº 52, p. 37-42.
- CARVALHO FONSECA, Luciana; Silva, Liliam Ramos da e Silva-Reis, Dennys. (eds.) (2020). “Mujeres y traducción en América Latina y el Caribe”, *Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana de Traducción*, vol.13, nº 2.
- CASTRO, Olga. (2011). “Traductor as gallegas del siglo XX: reescribiendo la historia de la traducción desde el género y la nación”, *MontI, Monografías de Traducción e Interpretación*, nº 3, p. 107-130.
- CASTRO, Olga. (ed.) (2013). “Gender, language and translation at the crossroads of disciplines”, *Gender and Language*, vol. 7, nº 1.
- CASTRO, Olga. (2020). “Por una geopolítica feminista de la traducción: escritoras (gallegas) traducidas en el mercado editorial”, *Transfer. Revista electrónica sobre Estudios de Traducción e Interculturalidad*, vol. 15, nº 1-2, p. 52-92.
- CASTRO, Olga e Ergun, Emek. (eds.) (2017). *Feminist Translation Studies: Local and Transnational Perspectives*, Nova York, Routledge.
- CASTRO, Olga e Ergun, Emek. (2018). “Translation and Feminism”, in Jon Evans e Fruela Fernandez (eds.). *The Routledge Handbook of Translation and Politics*, Nova York, Routledge, p. 125-143.
- CASTRO, Olga, Ergun, Emek, Von Flotow, Luise, Spoturno, María Laura. (eds.) (2020). “Towards transnational feminist translation studies”, *Mutatis Mutandis. Revista latinoamericana de traducción*, vol. 13, nº 1.
- CASTRO, Olga e Vasallo, Hellen. (2020a). *Translating Women in the Anglosphere: Activism in Action*, ITI Institute of Translators and Interpreters in the

UK: <https://www.iti.org.uk/resource/translating-women-iti-research-e-book-published.html>

CASTRO, Olga e Vasallo, Hellen. (2020b). “Women writers in translation in the UK: The ‘Year of Publishing Women’ (2018) as a platform for collective change?”, in Von Flotow. Luise e Kamal, Hala (eds.) (2020). *The Routledge Handbook of Translation, Feminism and Gender*, Nova York, Routledge, p. 127-146.

CASTRO, Olga e Spoturno, María Laura (2020). “Feminismos y traducción: apuntes conceptuales y metodológicos para una traductología feminista transnacional,” *Mutatis Mutandis. Latin American Translation Journal*, vol. 13, n° 1, p. 11-44.

CASTRO, Rosalía de (2014). *On the Edge or the River Sar: A feminist translation*. Translated by Michelle Geoffrion-Vinci, Lanham, Rowman and Littlefield.

CASTRO VÁZQUEZ, Olga. (2010). “Traducción no sexista y/en el cambio social: el género como problema de traducción”, in Boéri, Julie e Maier, Carol. (eds.). *Translating/Interpreting and Social Activism—Compromiso social y Traducción/Interpretación*, ECOS, p. 106-120.

CHAMBERLAIN, Lori (1988). “Gender and the Metaphorics of Translation”, *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, vol. 13, n° 3, p. 454-472.

CORRIUS, Montse; De Marco, Marcela e Espasa, Eva (2016). “Situated learning and situated knowledge: Gender, translating audiovisual adverts and professional responsibility”, *The Interpreter and Translator Trainer*, vol. 10, n° 1, p. 59-75.

COSTA, Claudia de Lima. (2006). “Lost (and found?) in translation: Feminisms in hemispheric dialogue”, *Latino Studies*, vol. 4, n° 1, p. 62-78.

COSTA, Claudia de Lima e Alvarez. Sonia E. (2014). “Dislocating the Sign: Toward a Translocal Feminist politics of translation”, *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, vol. 39, n° 3, p. 557-563.

DAVIS, Kathy. (2007). *The Making of Our Bodies, Ourselves: How Feminism Travels across Borders*, Durham, Duke University Press.

DELISLE, Jean. (2002). *Portraits de traductrices*, Ottawa, University of Ottawa Press.

DE MARCO, Marcella. (2012). *Audiovisual Translation through a Gender Lens*, Amsterdam, Rodopi.

DE MARCO, Marcella e Toto, Piero. (eds.) (2019). *Gender Approaches in the Translation Classroom: Training the Doers*, Londres, Palgrave.

DI GIOVANNI, Elena e Zanotti, Serenella. (eds.) (2018). *Donne in traduzione*, Florença, Giunti.

- DÍAZ-DIOCARETZ, Miriam. (1985). *Translating Poetic Discourse: Questions on Feminist Strategies in Adrienne Rich*, Amsterdam, Benjamins.
- DÍAZ-DIOCARETZ, Miriam & Segarra, Marta. (eds.) (2004). *Joyful Babel. Translating Hélène Cixous*, Amsterdam, Rodopi.
- DOMÍNGUEZ RUVALCABA, Héctor. (2016). *Translating the Queer: Body Politics and Transnational Conversations*, Londres, Zed Books.
- EPSTEIN, Brett Jocelyn e Gillett, Robert. (eds.) (2017). *Queer in Translation*, Nova York, Routledge.
- ERGUN, Emek e Castro, Olga. (2017). “Pedagogies of Feminist Translation: Rethinking Difference and Commonality across Borders”, in Castro, Olga. e Ergun, Emek (eds.). *Feminist Translation Studies. Local and Transnational Dialogues*, Nova York, Routledge, p. 93-108.
- FAVILA-ALCALÁ, Mariana. (2020). “La traducción jurídica como práctica incluyente y contrahegemónica”, *Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana de Traducción*, vol. 13, n° 2, p. 375-400.
- FEDERICI, Eleonora e Leonardi, Vanessa. (eds.) (2013). *Bridging the Gap between Theory and Practice in Translation and Gender Studies*, Cambridge, Cambridge Scholars Publishing.
- FEDERICI, Eleonora e Santaemilia, José (eds.) (2022). *New Perspectives on Gender and Translation. New Voices for Transnational Dialogues*, Nova York, Routledge.
- FLOTOW, Luise von. (1991). “Feminist translation: contexts, practices and theories.”, *TTR: traduction, terminologie, rédaction*, vol. 4, n° 2, p. 69-84.
- FLOTOW, Luise von (1997). *Translation and Gender: Translating in the “era of Feminism”*, Manchester, St. Jerome.
- FLOTOW, Luise von. (2000). “Women, Bibles, Ideologies.”, *TTR: traduction, terminologie, rédaction*, vol. 13, n° 1, p. 9-20.
- FLOTOW, Luise von (2009). “Contested Gender in Translation: Intersectionality and Metramorphics”, *Palimpsestes*, vol. 22, p. 245-255.
- FLOTOW, Luise von (ed.) (2011). *Translating Women*, Ottawa, University of Ottawa Press.
- FLOTOW, Luise von (2019). “Translation”, in R. Truth Goodman (ed.). *The Bloomsbury Handbook of 21st-Century Feminist Theory*, Londres, Bloomsbury, p. 229-243.
- FLOTOW, Luise von e Farahzad, Farzaneh. (eds.) (2016). *Translating Women: Different Voices and New Horizons*, Nova York, Routledge.

- FLOTOW, Luise von e Kamal, Hala. (eds.) (2020). *The Routledge Handbook of Translation, Feminism and Gender*, Nova York, Routledge.
- FONTANELLA, Laura. (2019). *Il corpo del testo: Elementi di traduzione transfemminista queer*, Sesto san Giovanni, Asterisco Edizioni.
- FRANCÍ VENTOSA, Carmen. (2020). “La feminización del ejercicio profesional de la traducción editorial: entre la precariedad y el entusiasmo”, *Transfer. Revista electrónica sobre Estudios de Traducción e Interculturalidad*, vol. 15, n° 1-2, p. 93-114.
- GODARD, Barbara. (1990). “Theorizing feminist discourse/translation”, in Bassnett, S. e Lefevere, A. (eds.). *Translation, History and Culture*, Londres, Cassell, p. 87-96.
- GODAYOL, Pilar. (2013). “Metaphors, women and translation: from ‘les belles infidèles’ to ‘la frontera’”, *Gender and Language*, vol. 7, n° 1, p. 97-116.
- GODAYOL, Pilar. (2016). *Tres escriptores censurades. Simone de Beauvoir, Betty Friedan i Mary McCarthy*, Lleida, Punctum.
- GODAYOL, Pilar. (2020). *Feminismes i traducció (1965-1990)*. Lleida, Punctum.
- GODAYOL, Pilar e Taronna, Annarita. (eds.) (2018). *Foreign Women Authors Under Fascism and Francoism: Gender, Translation and Censorship*, Cambridge, Cambridge Scholars Publishing.
- GRAU-PEREJOAN, María e Collins-Klobah, Loretta. (2020). “Prácticas feministas y postcoloniales en la traducción colaborativa de poetas mujeres del Caribe insular anglófono e hispanohablante”, *Mutatis Mutandis. Revista latinoamericana de traducción*, vol.13, n° 2, p. 421-444.
- GRUNENWALD, Noémie. (2021). *Sur les bouts de la langue. Traduire en féministe/s*, Lille, La Contre-Allée.
- HASSEN, Rim. (2016). “Negotiating Western and Muslim Feminine Identities through Translation: Western Female Converts Translating the Quran”, in Flotow, Luise von e Farahzad, Farzaneh. (eds.). *Translating Women: Different Voices and New Horizons*, Nova York, Routledge, p. 33-54.
- HENITIUK, Valerie. (1999). “Translating woman: Reading the female through the male”, *Meta: journal des traducteurs/Meta: Translators' Journal*, vol. 44, n° 3, p. 469-484.
- HENRY-TIERNEY, Pauline. (2021). “The Many Faces of Beauvoir: Paratranslated Materiality in *Le Deuxième Sexe*”, in Bracke, Maud; Bullock, Anne Julia; Morris, Penelope e Schulz, Kristina. (eds.). *Translating Feminism: Interdisciplinary Approaches to Text, Place and Agency*, Londres, Palgrave, p. 43-67.

HERRERO LÓPEZ, Isis; Alvstad, Cecilia; Akujärvi, Johanna. e Lindtner, Synnøve Skarsbø. (eds.) (2017). *Gender and Translation: Understanding Agents in Transnational Reception*, Montreal, Éditions québécoises de l'œuvre.

KEILHAUER, Anette e Pagni, Andrea. (eds.) (2017). *Refracciones. Traducción y género en las literaturas románicas / Réfractions. Traduction et genre dans les littératures romanes*, Münster, LIT.

KALIVODOVA, Eva. (2017). “The Challenges of Teaching Gender in Translation in a Contemporary Czech Context”, in Santaemilia, J. (ed.). *Traducir para la igualdad sexual/Translating for Sexual Equality*, Granada, Comares, p. 149-156.

KAMAL, Hala. (2016). “Translating Feminist Literary Theory into Arabic”, *Studia Filologiczne Uniwersytetu Jana Kochanowskiego*, vol. 29, nº 2, p. 57-73.

KRIPPER, Denise. (2015). “La Malinche: tres paradigmas de traducción”, *The Quiet Corner Interdisciplinary Journal*, vol. 1, nº 1.

KRONTIRIS, Tina. (1992). *Oppositional Voices: Women as Writers and Translators of Literature in the English Renaissance*, Nova York, Routledge.

LARKOSH, Christopher. (ed.) (2011). *Re-engendering Translation: Transcultural Practice, Gender/Sexuality and the Politics of Alterity*, Londres, Routledge.

LEVINE, Suzanne Jill (1984). “Translation as (sub)version: on translating Infante’s Inferno”, *SubStance* vol. 13, nº 1, Issue 42, p. 85-94.

LITTAU, Karin. (2000). “Pandora’s tongues”, *TTR: traduction, terminologie, rédaction*, vol. 13, nº 1, p. 21-35.

LOTBINIERE-HARWOOD, Susanne de (1991). *Re-belle et infidèle. La traduction comme pratique de réécriture au féminin. The Body Bilingual: Translation as a Rewriting in the Feminine*, Montreal, Women’s Press/Éditions du remue-ménage.

LÓPEZ, Ártemis. (2020). “Cuando el lenguaje excluye: consideraciones sobre el lenguaje no binario indirecto”, *Cuarenta Naipes. Revista de Cultura y Literatura*, vol. 2 nº 3, p. 295-312.

MAIER, Carol. (1985). “A woman in translation, reflecting”, *Translation Review*, vol. 17, nº 1, p. 4-8.

MALENA, Anne. (ed.) (2015). “Women in Translation” *TranscUltural: A Journal of Translation and Cultural Studies*, vol. 7, nº 1.

MANTEROLA Agirrezabalaga, Elizabete. (2020). “La interacción entre feminismo, traducción y lengua vasca”, *Transfer. Revista electrónica sobre Estudios de Traducción e Interculturalidad*, vol. 15, nº 1-2, p. 142-167.

MAREY-CASTRO, Cristina e Pozo Triviño, Maribel del (2020). “Deconstruir mitos y prejuicios para interpretar a mujeres migrantes en contextos de violencia de género o prostitución en España”, *Mutatis Mutandis: Revista Latinoamericana de Traducción*, vol. 13, n° 1, p. 64-92.

MARTÍNEZ PLEGUEZUELOS, Antonio Jesús. (2018). *Traducción e identidad sexual: reescrituras audiovisuales desde la Teoría Queer*, Granada, Comares.

MARTOS PÉREZ, María; Sanfilippo, Marina e Soláns García, Mariángel. (eds.) (2020). *En otras palabras: género, traducción y relaciones de poder*, Madrid, UNED.

MASSARDIER-KENNEY, Françoise. (1997). “Towards a redefinition of feminist translation practice”, *The Translator*, vol. 3, n° 1, p. 55-69.

MIN, Dongchao. (2017). *Translation and Travelling Theory: Feminist Theory and Praxis in China*, Nova York, Routledge.

MONTI, Johanna. (2020). “Gender issues in machine translation: An unsolved problem?”, in Flotow, Luise von e Kamal. Hala. (eds.). *The Routledge Handbook of Translation, Feminism and Gender*, Nova York, Routledge, p. 457-468.

MÖSER, Cornelia. (2013). *Féminismes en traductions. Théories voyageuses et traductions culturelles*, Paris, Éditions des Archives Contemporaines.

16

NAGAR, Richa. (2014). *Muddying the Waters: Coauthoring Feminisms across Scholarship and Activism*, Champaign, University of Illinois Press.

NOVIKOVA, Irina. (ed.) (2018). *Dzimte un tulkošana*, Rīga, LU Akadēmiskajā apgādā.

PETTERSEN, Tove. (2017). “Texts Less Travelled: The Case of Women Philosophers”, in Herrero López, Isis; Akujarvi, Johanna; Alvstad. Cecilia e Lindtner, Synnøve. (eds.). *Gender and Translation: Understanding Agents in Transnational Reception*, Montreal, Éditions québécoises de l’œuvre, p. 153-178.

POSTIGO PINAZO, Encarnación e Martínez García, Adela. (eds.) (2014). “Rethinking Women and Translation in the Third Millennium”, *Women’s Studies International Forum*, nº 42.

QANBAR, Nada. (2020). “Women in audiovisual translation: The Arabic context”, in Flotow, Luise von & Kamal, Hala. (eds.). *The Routledge Handbook of Translation, Feminism and Gender*, Nova York, Routledge, p. 429-443.

RAGUET, Christine (ed.). (2008). “Traduire le genre grammatical: un enjeu linguistique et/ou politique?” *Palimpsestes*, nº 21.

RAJEWSKA, Ewa. (2020). “Polish Women Translators: A Herstory”, in Flotow, Luise von e Kamal, Hala (eds.). *The Routledge Handbook of Translation, Feminism and Gender*, Nova York, Routledge, p. 107-116.

REIMÓNDEZ, María. (2017). “Distance or engagement? Questioning mainstream discourses on interpreter professionalism from a feminist and postcolonial perspective”, in Santaemilia, José. (ed.). *Traducir para la igualdad sexual/Translating for Sexual Equality*, Granadam, Comares, p. 137-148.

RESNICK, Margery e Courtivron, Isabelle de (eds.) (1984). *Women Writers in Translation: An Annotated Bibliography, 1945-1982*, Nova York, Garland.

ROBINSON, Douglas. (1995). “Theorizing Translation in a Woman’s Voice”, *The Translator*, vol. 1, n° 2, p. 153-175.

ROBINSON, Douglas. (2019). *Transgender, Translation, Translingual Address*, Londre, Bloomsbury.

ROMERO LÓPEZ, Dolores. (ed.) (2016). *Retratos de tradutoras en la Edad de Plata*, Madrid, Escolar y Mayo.

ROSAS, Cecilia; Bittencourt, Juliana; Izidoro, Leila Giovana e Oliveira Macedo, Sihisleni de (2020). “Conjurando traduções: a tradução coletiva de Caliban and the With ao português brasileiro como estratégia feminista transnacional”, *Mutatis Mutandis. Revista latinoamericana de traducción*, vol.13, n° 1, p. 117-138.

ROSE, Emily. (2021). *Translating Trans Identity: (Re)writing Undecidable Texts and Bodies*, Nova York, Routledge.

17

SÁNCHEZ, Lola. (2017). “Translation and the Circuits of Globalisation: In Search of More Fruitful Feminist Dialogues in Contemporary Spain”, in Castro, Olga e Ergun, Emek. (eds.). *Feminist Translation Studies: Local and Transnational Perspectives*, Nova York, Routledge, p. 56-69.

SÁNCHEZ, Lola. (2018). “Difracciones de género y traducción: hacia otra cartografía de saberes situados”, *Iberic@l, Revue d'études ibériques et ibéro-américaines*, nº 13, p. 37-50.

SANTAEMILIA, Josésé. (2013). “Translating international gender-equality institutional/legal texts”, *Gender and Language*, vol. 7, n°1, p. 75-96.

SANTAEMILIA, José. (ed.) (2017). *Traducir para la igualdad sexual/Translating for Sexual Equality*, Granada, Comares.

SANTAEMILIA, José. (2020). “La traducción hoy en día: retrato de una profesión feminizada. Aspectos éticos y laborales”, *Transfer. Revista electrónica sobre Estudios de Traducción e Interculturalidad*, vol. 15, n°1-2, p. 207-232.

SANTAEMILIA, José e Flotow, Luise von. (eds.) (2014). *Woman and Translation: Geographies, Voices, Identities. MonTI, Monografías de Traducción e Interpretación*, nº 3.

-
- SAVOLDI, Beatrice; Gaido, Marco; Bentivogli, Luis; Negri, Matteo e Turchi, Marco. (2021). “Gender Bias in Machine Translation”, *Transactions of the Association for Computational Linguistics*, nº 9, p. 845-874.
- SEGARRA, Marta. (2019). “*Si près: de la traduction*”, *De genere. Rivista di studi letterari, postcoloniali e di genere*, nº 5, p. 1-11.
- SHAW, Susan. (1993). *A Religious History of Julia Evelina Smith’s 1876 Translation of the Holy Bible. Doing More than Any Man Has Ever Done*, Nova York, Mellen Research.
- SIGNS. Special issue (2014). “Translation, Feminist Scholarship, and the Hegemony of English”, *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, vol.39, nº 3.
- SILVA-REIS, Dennys e Carvalho Fonseca, Luciana. (2018). “Nineteenth century women translators in Brazil: from the novel to historiographical narrative”, *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, vol. 20, nº 34, p. 23-46.
- SIMON, Sherry. (1996). *Gender in Translation. Cultural Identity and the Politics of Transmission*, Nova York, Routledge.
- SIMONS, Margaret. (1983). “The silencing of Simone de Beauvoir: Guess what’s missing from *The Second Sex*”, *Women’s Studies International Forum*, vol. 6, nº 5, p. 559-564.
- 18 SLAVOVA, Kornelia e Phoenix, Ann. (eds.) (2011). “Living in translation: Voicing and inscribing women’s lives and practices”, *European Journal of Women Studies*, vol.18, nº 4.
- SOFO, Giuseppe. (2019). “Traduction du langage inclusif et échanges entre le français et l’italien”, *Savoirs en prisme*, nº 10, p. 105-131.
- SPOTURNO, María Laura. (2020). “On Borderlands and Translation. A Study of the Spanish Translations of Gloria Anzaldúa’s seminal work”, in Flotow, Luise von. e Kamal, Hala. (eds.). *Routledge Handbook of Gender, Feminism and Translation*, Nova York, Routledge, p. 239-251.
- SPOTURNO, María Laura. (2022). “Ethos colectivo, redes de lucha y prácticas de escritura y (auto)traducción en colaboración: El caso de *Revenge of the Apple/Venganza de la manzana*, de Alicia Partnoy”, *Letral*, nº 28, p. 46-72.
- SPURLIN, William J. (2014). “Introduction: The Gender and Queer Politics of Translation: New Approaches”, *Comparative Literature Studies*, vol. 51, nº 2, p. 201-214.
- STUDIA Filologiczne (2016). Special issue “Women’s Voices in Translation”, *Studia Filologiczne Uniwersytetu Jana Kochanowskiego*, vol. 29, nº 2: <https://studiafilologiczne.ujk.edu.pl/gb/tom/292>.
- SUSAM-SARAEVA, Şebnem. (2020). “Translating Birth Stories as Counter-Narratives”, *Mutatis Mutandis. Revista latinoamericana de traducción*, vol.13, nº 1, p. 45-63.

SUSAM-SARAEVA, Şebnem e Carvalho Fonseca, Luciana. (2021). “Translation in maternal and neonatal health”, in Susam-Saraeva, S. & Spišiaková, E. (eds.). *The Routledge Handbook of Translation and Health*, Nova York, Routledge, p. 348-368.

THAYER, Millie. (2010). *Making Transnational Feminism: Rural Women, NGO Activists, and Northern Donors in Brazil*, Nova York, Routledge.

TOLEDANO Buendía, Carmen e del Pozo Triviño, Maribel. (eds.) (2015). *Interpretación en contextos de violencia de género*, València, Tirant lo Blanc.

TYULENEV, Sergey. (2011). “Women translators in Russia”, *MontI, Monografías de Traducción e Interpretación*, nº 3, p. 75-105.

VILLANUEVA-JORDÁN, Iván Alejandro. (2019). “Abrir paso a las masculinidades gais en la Traductología/Opening the Way to Gay Masculinities in Translation Studies”, *Asparkia. Investigació feminista*, nº 35, p. 129-150.

VILLANUEVA JORDÁN, Iván e Calderón Díaz, Silvia. (2019). “Teaching translation through gender topics: adapting the instructional design of an introductory translation course”, *MontI, Monografías de Traducción e Interpretación*, p. 109-129.

WALLMACH, Kim. (2006). “Feminist translation strategies: Different or derived?”, *Journal of Literary Studies*, vol. 22, nº 1-2, p. 1-26.

19

WILHELM, Jane. (2014). “Anthropologie des lectures féministes de la traduction”, *TTR: traduction, terminologie, rédaction*, vol. 27, nº 1, p. 149-188.

WOLF, Michaella. (2005). “The Creation of *A Room of One's Own*. Feminist Translators as Mediators Between Cultures and Genders”, in Santaemilia, José (ed.). *Gender, Sex and Translation. The Manipulation of Identities*, Manchester, St. Jerome, p. 15-25.

YAÑEZ, Gabriela. (2020). “Translating metonymies that construct gender: Testimonial narratives by 20th-century Latin American women.”, in Flotow, L. e Kamal, H. (eds.). *The Routledge Handbook of Translation, Feminism and Gender*, Nova York, Routledge, p. 93-106.

YU, Zhongli. (2015). *Translating Feminism in China: Gender, Sexuality and Censorship*, Nova York, Routledge.

ZARAGOZA Ninet, Gora; Martínez Sierra, Juan José; Cerezo Merchán, Beatriz e Richart Marset, Mabel (eds.) (2018). *Traducción, género y censura en la literatura y en los medios de comunicación*, Granada, Comares.

¹ N. T.: O artigo *Traducción y Feminismos / Translation and Feminisms*, de autoria de Olga Castro e María Laura Spoturno, disponível em <https://worldgender.cnrs.fr/es/entradas/translation-and-feminisms/>, teve sua tradução para o português brasileiro autorizada pelas autoras bem como por Marta Segarra, diretora do *Dictionnaire du genre em traduction / Dictionary of Gender in Translation*, via e-mail em 8 de abril de 2024, à tradutora Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra.

² Dada a limitação de espaço, mencionaremos apenas alguns dos livros e edições especiais de revistas que se mostram relevantes para essa área de pesquisa e que foram publicados nos últimos dez anos nas línguas e contextos geopolíticos que conhecemos: Larkosh, 2011; Flotow, 2011; Santaemilia e Flotow, 2011; Slavova e Phoenix, 2011; Castro, 2013; Federici e Leonardi, 2013; Alvarez, Costa, Feliu, Hester, Klahn e Thayer, 2014; Postigo Pinazo e Martínez García, 2014; Signs, 2014, Malena, 2015; Studia Filologiczne, 2016; Camus Camus, Gómez Castro e Williams Camus, 2017; Castro e Ergun, 2017; Flotow e Farzaneh, 2017; Herrero López, Alvstad, Akujärvi e Lindtner, 2017; Keilhauer e Pagni, 2017; Santaemilia, 2017; Bracke, Morris e Ryder, 2018; Di Giovanni e Zanotti, 2018; Novikova, 2018; Araújo, Silva e Silva-Reis, 2019; Berger e Sofo, 2019; Camps, Carlucci, Cerrato, Luna, Fernández e Serra, 2020; Carvalho Fonseca, da Silva e Silva-Reis, 2020; Castro, Ergun, Flotow e Spoturno, 2020; Castro e Vassallo, 2020a; Martos Pérez, Sanfilippo e Soláns García, 2020; Flotow e Kamal, 2020; Bracke, Bullock, Morris e Schulz, 2021; Federici e Santaemilia, 2022. Não mencionamos aqui as monografias, que serão incluídas nas referências bibliográficas, conforme os temas específicos abordados nesta entrada.